



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Maria Evelina de Sousa (Ponta Delgada, 1879 - Ponta Delgada, 1946) foi uma professora primária, jornalista, ativista social, política e feminista.

Colaboradora de diversas publicações nacionais e regionais, destacou-se como diretora e proprietária da *Revista Pedagógica* (1906-1916). Esta revista visava a divulgação de conteúdos pedagógico educativos. Contava com a colaboração de professores, aos quais se juntavam personalidades do meio cultural, quer nacional, quer açoriano. A *Revista* deu voz a causas republicanas: a luta contra o analfabetismo; a evolução cívica da sociedade; o ensino popular, gratuito, laico, prático e científico; e a educação e instrução da mulher. A publicação, desde cedo, associou-se ao Centro Escolar Republicano de Ponta Delgada, criado pela própria Evelina, em 1905. Ao longo do tempo, outros Centros foram surgindo, e a *Revista* foi servindo como o elo de ligação entre eles. Esta “rede” permitiu reunir informações e denúncias que permitiam aferir o estado do ensino no arquipélago.

Ainda que republicana convicta, Evelina defendia que o ensino público deveria ser um interesse comum entre todas as fações políticas. Consequentemente, promoveu eventos que envolviam a comunidade, as chamadas “festas escolares”. Organizou a “festa” realizada em Ponta Delgada, a 16 de dezembro de 1906 e, devido ao seu êxito, outras se sucederam, como as “Festas da Árvore”. Estas eram promovidas pela Liga Nacional de Instrução, a qual, de cunho maçónico, defendia a educação e formação cívica dos cidadãos, adotando a “árvore” como símbolo da regeneração social.

Influenciada pelas concepções spencerianas, Evelina era inconformada com o ensino tradicional, baseado na memorização e alheio aos gostos da criança. Na *Revista*, abordaram-se concepções pedagógicas inovadoras, como a “Escola Progressiva” americana (ou “Escola Nova”), de John Dewey. Esta concepção ambicionava um ensino prático, científico e abrangente, e defendia a criação de oficinas, laboratórios e bibliotecas na escola. Tal levou a que Evelina inaugurasse uma das primeiras bibliotecas escolares do país, na Escola Feminina de Santa Clara (Ponta Delgada), em julho de 1909.

A sua preocupação, quer pela falta de escolas, quer pela desorganização do ensino no concelho de Ponta Delgada, levou a que apresentasse, em 1910, um plano que propunha a cooperação entre todas as associações que lutavam a favor do ensino público e a construção de quatro criação de Escolas Centrais.

Outro dos seus objetivos era defender os direitos profissionais do professorado. Cedo se associou ao movimento da imprensa pedagógica, que era encabeçado pelo jornal portuense *Educação Nacional*. Este movimento criou um “conselho directório” que supervisionasse os Centros Escolares e que fosse uma força política para reivindicar os direitos e interesses dos professores. Evelina não descurou a difícil situação financeira dos professores. Para garantir o futuro dos mesmos, propôs a criação do “Montepio de Inabilitação do Professorado Português”. Redigiu os seus estatutos em 1907 mas, por dificuldades financeiras, este ambicioso projeto não foi avante.

Evelina associou-se à escritora e pedagoga Amália Luazes, para a criação de um Instituto em Lisboa, destinado à instrução de raparigas órfãs. Tal permitiu-lhe familiarizar-se com novos métodos de leitura e escrita, como o método *Legográfico-Luazes*. Conhecia bem a aplicação do método pedagógico da *Cartilha Maternal* de João de Deus, e organizou a 1.ª conferência sobre o mesmo, a 2 de fevereiro de 1907. Outra conferência seguiu-se, em Ponta Delgada, desta vez contando com a presença do pedagogo João de Deus Ramos, filho de João de Deus.

Membro ativo da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, defendeu o sufrágio, a emancipação e a instrução da mulher. Segundo ela, combater o analfabetismo facilitaria a inserção profissional e a independência económica das mulheres. Assim, criou uma escola de rendas em Ponta Delgada e, em setembro de 1909, foi homenageada por feministas notáveis em jornais lisboetas. Mas os seus projetos de âmbito social não se ficaram aí: Evelina foi também co-fundadora da Sociedade Micaelense Protetora dos Animais, em 1911.

Evelina serviu como um veículo para a materialização de novos conceitos e métodos da Pedagogia a nível nacional e, principalmente, regional. Com uma visão inegavelmente inovadora para a sua época, entendeu que a igualdade de oportunidades só poderia ser alcançada através de uma educação igualitária, moderna e universal. É premente um maior reconhecimento desta personalidade, tão importante na História da Educação e na História dos Açores.

Isolina Reis de Medeiros



► Maria Evelina de Sousa.
Fonte: <https://www.facebook.com/mariaevelinadesousa>

Recomendamos a leitura

Já recomendamos várias leituras sobre o trabalho feminino, mas, desta feita, vamos diversificar as nossas sugestões.

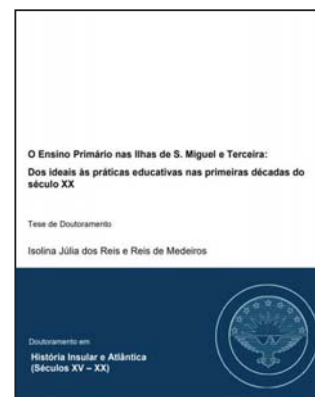
Começamos por recomendar a leitura dos dois trabalhos académicos da autora do nosso *Mulheres Singulares* de hoje – Isolina Medeiros. Trabalhos que versam o ensino em São Miguel e Terceira, mas que também abordam a Mulher e o seu papel dentro da Educação. Assim, começamos por nomear a sua dissertação de mestrado em História Insular e Atlântica, intitulada *Revista Pedagógica (1906-1916). A modernidade do Pensamento Pedagógico em São Miguel nos Inícios do Século XX*, defendida na Universidade dos Açores; mencionamos também a sua dissertação de doutoramento em História Insular e Atlântica, apresentada à Universidade dos Açores em dezembro de 2018, intitulada *O Ensino Primário nas Ilhas de S. Miguel e Terceira: Dos Ideais às Práticas Educativas nas primeiras décadas do século XX*, que pode ser descarregada para leitura digital em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/5013>.

Recomendamos ainda a leitura da obra *Vidas Exemplares*, da autoria de Teófilo de Braga, numa edição da Letras Lavadas de 2020, onde o leitor poderá percorrer brevemente a vida de mulheres como Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa, mas igualmente Maria Ana Bento Carreiro, Maximiliana de Deus Sousa ou Natália de Almeida.

Ainda sobre o papel, ou os papéis, da Mulher no contexto do Ensino e da Educação, chamamos a atenção para a obra de Christiane Schnurbein, intitulada *As Fräuleins esquecidas: preceptoras alemãs nos Açores*, datada de 2003, que nos leva para a outra dimensão do ensino no feminino: o particular e o elemento estrangeiro.

Boas leituras!

Cristina Moscatel



Sabia que...

A instrução feminina suscitou pouco interesse em Portugal até meados do século XIX, e escasseavam instituições que ensinassem as “primeiras letras”. O modelo de educação da época era marcado por valores religiosos conservadores e previa, quase em exclusivo, habilitar a mulher para o desempenho de tarefas domésticas.

Ainda assim, havia exceções em certas classes sociais. Às jovens órfãs e pobres, integradas em instituições, eram-lhes proporcionadas uma educação moral e uma formação de teor laboral. Num outro extremo, as jovens aristocráticas e burguesas eram expostas a noções de economia doméstica, costura, bordados, música, línguas e artes. O objetivo era prepará-las para a gestão doméstica e para a vida social.

Em todo o país, as elevadas taxas de analfabetismo espelhavam a escassez de escolas que ensinassem a ler e a escrever. Mas, curiosamente, a percentagem de mulheres a frequentar a escola, no então distrito de Ponta Delgada, era a mais elevada a nível nacional. Tal deveu-se, em especial, a uma série de cursos noturnos que visavam a alfabetização, promovidos pela Sociedade dos Amigos das Letras e Artes. Esta, criada em 1848 pelo poeta Feliciano de Castilho, visou a disseminação da instrução pública entre as classes populares.

No início do século XX, a partir de 1909, foram promovidas iniciativas similares, como os cursos noturnos da Liga Micaelense de Instrução. Eram impulsionados pelos republicanos, cujos discursos feministas exultavam a educação da mulher como um dos pilares para a sua dignificação e emancipação. Além disso, o crescente valor atribuído ao ensino no feminino conduziu à criação das chamadas escolas primárias superiores, as quais almejavam a instrução para além da escolaridade básica.

Toda a mudança na forma como era encarado o ensino feminino acompanhou, durante o primeiro quartel do século XX, a conturbada mudança social, política e ideológica que se sentiu no país. Já em meados desse século notava-se uma diferença significativa: as mulheres começavam a ter acesso a todos os níveis de ensino e hoje em dia, estão plenamente integradas no ensino superior.

Isolina Medeiros